

Coleção Debates
Dirigida por J. Guinsburg

margaret mead
SEXO
E TEMPERAMENTO

Equipe de Realização – Tradução: Rosa Krausz; Revisão: Dora Ruhman,
Fany Kon, Geraldo Gerson de Souza e J. Guinsburg; Produção: Ricardo
W. Neves, Heda Maria Lopes e Raquel Fernandes Abranches.



PERSPECTIVA

Título do original:
*Sex and Temperament
in three primitive societies*

Copyright © by
William Morrow and Company, Inc.
New York

J. N. S. V. R. O. S.

R\$ 22,00

160183

0305-04

IRCH

4ª edição - 1ª reimpressão

522.7

W. 1935-1

4.32

SUMÁRIO

Prefácio à edição de 1950	9
Prefácio à edição de 1963	13
Agradecimentos	15
Introdução	19

Primeira parte

OS ARAPESH DAS MONTANHAS

1. A vida da montanha	31
2. Uma sociedade cooperativa	41

Direitos reservados em língua portuguesa à
EDITORA PERSPECTIVA S.A.
Av. Brigadeiro Luís Antônio, 3025
01401-000 - São Paulo - SP - Brasil
Telefax: (0--11) 3885-8388
www.editoraperspectiva.com.br
2003

3. O nascimento de uma criança Arapesh	55
4. Primeiras influências que moldam a personalidade Arapesh	63
5. Crescimento e iniciação do jovem Arapesh ..	81
6. O crescimento e o noivado de uma menina Arapesh	97
7. O casamento Arapesh	113
8. O ideal Arapesh e os que dele se desviam	141

Segunda parte

OS MUNDUGUMOR HABITANTES DO RIO

Encontro com Mundugumor	165
9. O ritmo de vida numa tribo canibal	169
10. A estrutura da sociedade Mundugumor	177
11. O desenvolvimento do Mundugumor característico	189
12. Juventude e casamento entre os Mundugumor ...	209
13. Os que se desviam do ideal Mundugumor	219

Terceira parte

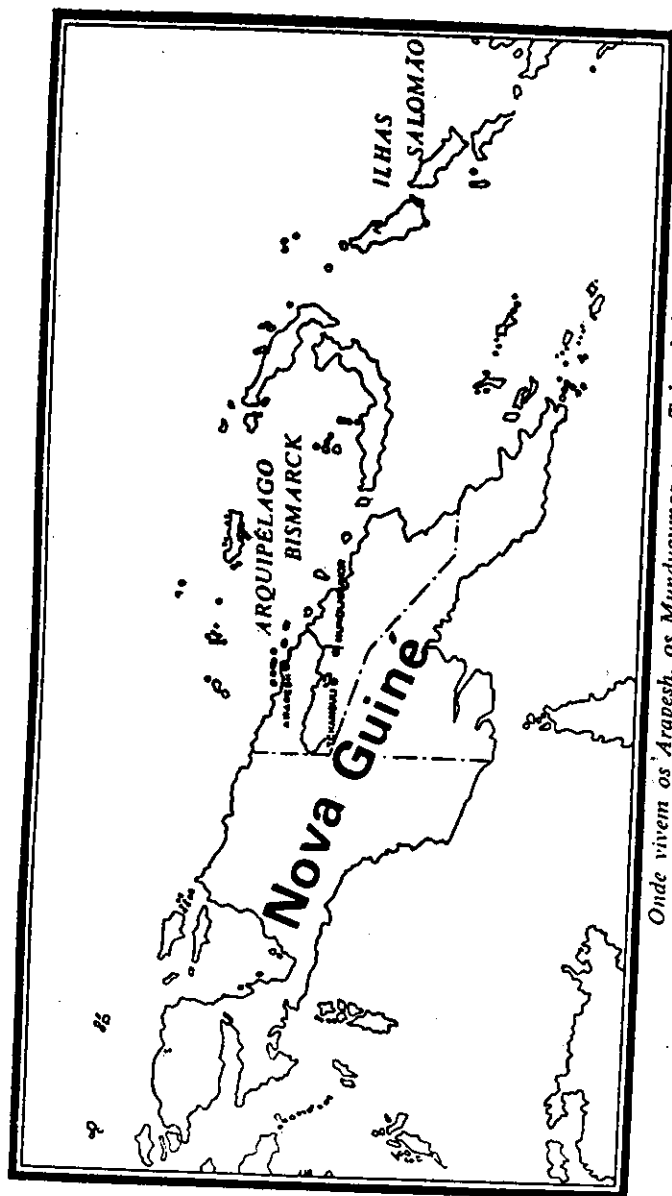
OS TCHAMBULI HABITANTES DO LAGO

A escolha dos Tchambuli	229
14. O padrão de vida social dos Tchambuli	231
15. Os papéis contrastantes dos homens e das mulheres Tchambuli	239
16. Os inadaptados em Tchambuli	255

Quarta parte

A IMPLICAÇÃO DESSES RESULTADOS

17. A padronização do temperamento sexual	267
18. O inadaptado	277
Conclusão	293
Índice e glossário	305



Onde vivem os Arapesh, os Mundugumor e os Tchambuli

INTRODUÇÃO

Quando estudamos as sociedades mais simples, não podem deixar de nos impressionar as muitas maneiras como o homem tomou umas poucas sugestões e as trançou em belas e imaginosas texturas sociais que denominamos civilizações. Seu ambiente natural munuiu-o de alguns contrastes e periodicidades notáveis: o dia e a noite, a mudança das estações, o incansável crescer e minguar da lua, a desova dos peixes e as épocas de migração dos animais e pássaros. Sua própria natureza física forneceu-lhe outros pontos importantes: idade e sexo, ritmo de nascimento, maturação e velhice, a estrutura do parentesco consanguíneo. Diferenças entre um e outro animal, entre um e outro indivíduo, diferenças em ferocidade ou em mansidão, em coragem ou em esperteza, em riqueza de imaginação ou em perseverante obrusidade — todas proporcionaram sugestões a partir das quais foi possível desenvolver as idéias de categoria e casta, de sacerdócios especiais, do

artista e do oráculo. Trabalhando com roméis tão universais e tão simples como esses, o homem construiu para si mesmo uma trama de cultura em cujo interior cada vida humana foi dignificada pela forma e pelo significado. O homem não se tornou simplesmente um dos animais que se acasalavam, lutavam por seu alimento e morriam, mas um ser humano, com um nome, uma posição e um deus. Cada povo constrói essa tessitura de maneira diferente, escolhe alguns roméis e ignora outros, acentua um setor diferente da gama total das potencialidades humanas. Onde uma cultura emprega, por trama principal, o ego vulnerável, pronto a sentir-se insultado ou a sucumbir de vergonha, outra escolhe a coragem inflexível e mesmo, de forma que não haja covardes reconhecidos, pode, como os Cheyenne, inventar uma posição social especialmente complicada para os supermedrosos. Cada cultura simples e homogênea pode dar largas somente a alguns dos diversos dotes humanos, desaprovando ou punindo outros demasiado antitéticos ou por demais desvinculados de seus acentos principais para que encontrem lugar entre suas paredes. Tendo originalmente tirado os seus valores dos valores caros a alguns temperamentos humanos e estranhos a outros, na cultura incorpora esses valores cada vez mais firmemente à sua estrutura, a seus sistemas político e religioso, à sua arte e sua literatura; cada geração nova é amoldada, firme e definitivamente, às tendências dominantes.

Nessas circunstâncias, assim como cada cultura cria de modo distinto a tessitura social em que o espírito humano pode enredar-se com segurança e compreensão, classificando, recompondo e rejeitando fios na tradição histórica que ele compartilha com vários povos vizinhos, pode inclinar cada indivíduo nascido dentro dela a um tipo de comportamento, que não reconhece idade, nem sexo, nem tendências especiais como motivos para elaboração diferencial. Ou então uma cultura apodera-se dos fatos realmente óbvios de diferença de idade, sexo, força, beleza, ou das variações inusuais, tais como o pendor nato a visões ou sonhos, e converte-os em temas culturais dominantes. Destarte, sociedades semelhantes às dos Masai e dos Zulus fazem do nivelamento de todos os indivíduos pela idade um ponto básico de organização, e os Akikiyu da África Oriental consideram um drama maior a destituição cerimonial da geração mais velha pela mais jovem. Os aborígenes da Sibéria elevaram o indivíduo de instabilidade nervosa à dignidade de xamã, cujos pronunciamentos acreditavam ser de inspiração sobrenatural e constituíam lei para os outros membros mais equilibrados da tribo. Parece-nos bastante claro um caso extremo como esse, onde todo um

povo se curva ante a palavra de um indivíduo que nós classificariamos de insano. Os siberianos, fantasiosamente e — ao modo de ver da nossa sociedade — de forma injustificada, elevaram uma pessoa anormal a um lugar socialmente importante. Basearam-se num desvio humano que nós desaprováramos, ou, caso se tornasse importuno, encerráramos numa prisão.

Quando ouvimos dizer que, entre os Mundugumor da Nova Guiné, as crianças que nascem com o cordão umbilical em volta do pescoço são distinguidas como artistas de direito inato e indiscutível, sentimo-nos estar diante de uma cultura que não somente institucionalizou um tipo de temperamento que reputamos anormal — igual ao caso do xamã siberiano — como também uma cultura que associou arbitrariamente, de forma artificial e fantasiosa, dois pontos completamente desvinculados entre si: modo de nascimento e habilidade de pintar desenhos complicados sobre córtex. Quando ficamos sabendo, a seguir, que a insistência nessa associação é tão firme que apenas os assim nascidos podem fazer boas pinturas, enquanto os homens que nasceram sem um cordão estrangulante trabalham com humildade e sem arrogância e não alcançam nunca qualquer virtuosismo, verificamos a força de que podem revestir-se tais associações irrelevantes, uma vez enraizadas firmemente na cultura.

Mesmo quando deparamos casos menos patentes de elaboração cultural, quando lemos que, em determinado povo, o primogênito do sexo masculino é considerado de espécie diferente dos seus irmãos mais jovens, compreendemos que também nesse caso a imaginação humana trabalhou, reavaliando um simples fato biológico. Embora nossa própria tradição histórica nos sugira que o primogênito é “naturalmente” um pouco mais importante do que os outros, ainda assim, quando sabemos que, entre os Maori, o filho primogênito de um chefe era tão sagrado que somente pessoas especiais podiam cortar-lhe os cachos infantis sem arriscar-se à morte por esse contato, reconhecemos que o homem tomou a circunstância da ordem de nascimento e sobre ela construiu uma superestrutura de hierarquia. Nosso distanciamento crítico, nossa capacidade de sorrir a esses arroubos de imaginação — que vêm no primeiro ou no último filho, no sétimo filho do sétimo filho, no gêmeo ou na criança nascida com uma coifa, um ser especialmente dotado de poderes preciosos ou malévolos — permanece inalterado. Todavia, quando dessas construções primitivas e “evidentes por si mesmas” passamos para pontos de elaboração que partilhamos com povos primitivos, para pontos em que não mais somos

espectadores, porém partícipes diretos, nosso distanciamento desaparece. É sem dúvida pura imaginação atribuir a aptidão de pintar ao nascimento com o cordão em volta do pescoço, ou capacidade de escrever poesias ao fato de ter nascido gêmeo. Escolher líderes ou oráculos dentre temperamentos raros ou extravagantes, que nós rotularíamos de alienados, não é totalmente imaginário; mas, pelo menos, fundamenta-se numa premissa muito diferente, a qual seleciona uma potencialidade natural da raça humana que não usamos nem valorizamos. No entanto, a insistência nas mil e uma diferenças inatas entre homens e mulheres, muitas das quais não mostram relação mais imediata com os fatores biológicos do sexo do que tem a habilidade de pintar com a forma do nascimento, e outras diferenças que apresentam uma congruência com o sexo que não é nem universal nem necessária — como no caso da associação entre ataque epilético e pendor religioso — essas, sim, não consideramos fruto da imaginação da mente humana, ocupada em dar significado a uma existência vazia.

Este estudo não se ocupa da existência ou não de diferenças reais e universais entre os sexos, sejam qualitativas ou quantitativas. Não trata de saber se a mulher é mais instável do que o homem, como se pretendeu antes que a doutrina da evolução exaltasse a variabilidade, ou menos instável, como se afirmou depois. Não é um tratado sobre os direitos da mulher, nem uma pesquisa das bases do feminismo. É, muito simplesmente, um relato de como três sociedades primitivas agruparam suas atitudes sociais em relação ao temperamento em torno dos fatos realmente evidentes das diferenças sexuais. Estudei esse problema em sociedades simples, porque nelas temos o drama da civilização redigido de forma sucinta, um microcosmo social semelhante em espécie, porém diferente, em tamanho e grandeza, das complexas estruturas sociais de povos que, como o nosso, dependem de uma tradição escrita e da integração de grande número de tradições históricas conflituais. Estudei essa questão nos plácidos montanhesees Arapesh, nos ferozes canibais Mundugumor e nos elegantes caçadores de cabeças de Tchambuli. Cada uma dessas tribos dispunha, como toda sociedade humana, do ponto de diferença de sexo para empregar como tema na trama da vida social, que cada um desses três povos desenvolveu de forma diferente. Comparando o modo como dramatizaram a diferença de sexo, é possível perceber melhor que elementos são construções sociais, originalmente irrelevantes aos fatos biológicos do gênero de sexo.

Nossa própria sociedade usa muito essa trama. Atribui papéis diferentes aos dois sexos, cerca-os desde o nasci-

mento com uma expectativa de comportamento diferente, representa o drama completo do namoro, casamento e paternidade conforme os tipos de comportamento aceitos como inatos e, portanto, apropriados a um ou a outro sexo. Sabemos vagamente que esses papéis mudaram mesmo dentro de nossa história. Estudos, como *The Lady*¹, de Mrs. Putnam, retratam a mulher como uma figura de barro infinitamente maleável, sobre a qual a humanidade dispôs trajes característicos de uma época, constantemente variáveis, de acordo com os quais murchava ou se tornava dominante, flertava ou fugia. Entretanto, todas as discussões acentuaram, não as personalidades sociais relativas atribuídas aos dois sexos, mas, antes, os padrões de comportamento superficiais consignados às mulheres, porém apenas para as da classe alta. O reconhecimento afetado de que essas mulheres da classe alta eram fantoches de uma tradição em mudança obscureceu mais do que esclareceu a questão. Não tocou nos papéis atribuídos aos homens, que, segundo se supunha, prosseguiram ao longo de um caminho masculino especial, moldando as mulheres às suas manias e caprichos com respeito à feminilidade. Qualquer discussão acerca da posição da mulher, do seu caráter e do temperamento, da sua escravização ou emancipação, obscurece a questão básica; o reconhecimento de que a trama cultural por trás das relações humanas é o modo como os papéis dos dois sexos são concebidos e de que o menino em crescimento é formado para uma ênfase local e especial tão inexoravelmente como o é a menina em crescimento.

Os Vaërtling abordaram o problema em seu livro *The Dominant Sex*², embora sua imaginação crítica fosse prejudicada pela tradição cultural européia. Eles sabiam que, em algumas partes do mundo, houve e ainda há instituições matriarcais que dão à mulher liberdade de ação, dotam-na de uma independência de escolha que a cultura européia histórica concede tão-somente aos homens. Com um simples passe de mágica, eles inverteram a situação européia e construíram uma interpretação das sociedades matriarcais onde as mulheres eram consideradas frias, altivas e dominantes, e os homens, fracos e submissos. Os atributos das mulheres na Europa foram impingidos aos homens das comunidades matriarcais — isso foi tudo. Foi um retrato simples, que na realidade nada acrescentou à nossa compreensão do problema, baseado, como estava, no conceito limitativo de que, se um sexo tem personalidade dominante,

(1) E. J. S. Putnam, *The Lady*. Sturgis e Walton, 1910.

(2) Mathilde e Mathis Vaërtling. *The Dominant Sex*. Doran, 1923.

o outro, *ipso facto*, tê-la-á submissa. A raiz do erro dos Vaërtling reside em nossa tradicional insistência em contrastes entre a personalidade dos dois sexos, em nossa capacidade de ver apenas uma única variação no tema do macho dominante: a do marido dominado. Entretanto, imaginaram a possibilidade de um arranjo de dominação diferente do nosso tradicional, principalmente porque para o pensar baseado em instituições patriarcais a própria existência de uma forma matriarcal da sociedade implica uma inversão imaginária da posição temperamental dos dois sexos.

No entanto, estudos recentes de povos primitivos nos tornaram mais sofisticados³. Sabemos que todas as culturas humanas não pertencem a um ou a outro lado de uma única escala e que a uma sociedade é possível ignorar completamente uma saída, que duas outras sociedades resolveram de modo contrastante. O fato de um povo respeitar o ancião pode significar que considerem pouco as crianças, porém pode ocorrer também que um povo, a exemplo dos Ba Thonga da África do Sul, não respeitem nem velhos nem crianças; ou, como os Índios das Planícies, honrem a criança pequena e o avô; ou ainda, como entre os Manus e em regiões da América moderna, considerem as crianças o grupo mais importante da sociedade. Na expectativa de simples inversões — isto é, quando um aspecto da vida social não é especificamente sagrado, deve ser especificamente secular; ou, se o homem é forte, a mulher há de ser fraca — ignoramos o fato de que as culturas gozam de uma licença muito maior do que esta na seleção dos possíveis aspectos da vida humana que serão minimizados, superacentuados, ou ignorados. E embora toda cultura tenha de algum modo institucionalizado os papéis dos homens e das mulheres, não foi necessariamente em termos de contraste entre as personalidades prescritas dos dois sexos, nem em termos de dominação ou submissão. Com a escassez de material para elaboração, nenhuma cultura deixou de apoderar-se dos fatos de sexo e idade de alguma forma, seja a convenção de uma tribo filipina de que o homem não sabe guardar segredo, a crença dos Manus de que somente os homens gostam de brincar com bebês, a prescrição dos Toda de que quase todo trabalho doméstico é demasiado sagrado para as mulheres, ou a insistência dos Arapesh em que as cabeças das mulheres são mais fortes do que as dos homens. Na divisão do trabalho, no vestuário, nas maneiras, na atividade social e

(3) Vê especialmente Ruth Benedict, *Patterns of Culture*, Houghton Mifflin, 1934.

religiosa — às vezes apenas em alguns destes aspectos, outras vezes em todos eles — homens e mulheres são socialmente diferenciados, e cada sexo, como sexo, é forçado a conformar-se ao papel que lhe é atribuído. Em algumas sociedades, estes papéis socialmente definidos são expressos, especialmente, nas roupas ou na ocupação, sem qualquer insistência nas diferenças temperamentais inatas. As mulheres usam cabelos compridos e os homens, curtos; ou os homens usam cachos e as mulheres raspam suas cabeças; as mulheres usam saias e os homens, calças; ou as mulheres vestem calças e os homens, saias. As mulheres tecem e os homens não; ou os homens tecem e as mulheres não. Vinculações simples como estas entre roupa ou ocupação e sexo são facilmente ensinadas a toda criança e não suscitam hipóteses a que uma dada criança não se adapte com facilidade.

Não ocorre o mesmo nas sociedades que diferenciam rigorosamente o comportamento do homem e da mulher em termos que admitem uma diferença genuína de temperamento. Entre os Dakota das Planícies sustentava-se freneticamente que a aptidão de enfrentar qualquer grau de perigo ou dificuldade era característica masculina. Logo que um menino completava 5 ou 6 anos de idade, todo o esforço educacional consciente da família era dirigido no sentido de torná-lo um homem incontestável. Toda lágrima, toda timidez, todo apego a uma mão protetora, ou o desejo de continuar brincando com crianças mais jovens ou com meninas era obsessivamente interpretado como prova de que ele não se estava desenvolvendo como verdadeiro homem. Em tal sociedade, não é surpreendente encontrar um *berdache*, o homem que de bom grado desistiu de lutar por conformar-se ao papel masculino e que usa roupas femininas e executa serviços de mulheres. A instituição do *berdache*, por sua vez, serviu de advertência a todo pai; o temor de que o filho se convertesse em *berdache* fornecia aos esforços paternos um desespero adicional, e a própria pressão que ajudava a orientar o menino nessa escolha era redobrada. O invertido que carece de base física visível para a sua inversão intrigou por muito tempo os estudiosos do sexo, os quais, quando não encontram qualquer anormalidade glandular observável, voltam-se para as teorias de condicionamento anterior, ou identificação com o pai do sexo oposto. No decorrer desta investigação, teremos oportunidade de examinar a mulher "masculina" e o homem "feminino", como ocorrem nestas diferentes tribos, observar-se é sempre a mulher de natureza dominante que é considerada masculina, ou é o homem dócil, submisso, que gosta de crianças ou bordados, que é reputado feminino.

Nos capítulos seguintes, preocupar-nos-emos com a padronização do comportamento dos sexos à luz do temperamento, com as presunções culturais de que certas atitudes temperamentais são "naturalmente" masculinas e outras "naturalmente" femininas. Neste assunto, os povos primitivos parecem ser, superficialmente, mais sofisticados do que nós. Assim como sabem que os deuses, os hábitos alimentares e os costumes de casamento da tribo vizinha diferem dos seus, e não afirmam que uma forma é verdadeira ou natural enquanto a outra é falsa ou inatural, também sabem amiúde que as tendências temperamentais que consideram naturais nos homens ou nas mulheres diferem dos temperamentos naturais masculinos e femininos entre seus vizinhos. Apesar disso, dentro de um alcance mais limitado e com menos pretensões de validade biológica ou divina de suas formas sociais do que às vezes antecipamos, cada tribo tem certas atitudes definidas em relação ao temperamento, uma teoria de como são os seres humanos naturalmente, sejam homens, mulheres ou ambos, uma norma pela qual julgar e condenar os indivíduos que se desviam.

Duas destas tribos não têm idéia de que os homens e mulheres são diferentes em temperamento. Conferem-lhes papéis econômicos e religiosos diversos, habilidades diferentes, vulnerabilidades diferentes a malefícios mágicos e influências sobrenaturais. Os Arapesh acreditam que a pintura em cores é adequada apenas aos homens, e os Mundugumor consideram a pesca tarefa essencialmente feminina. Mas inexiste totalmente qualquer idéia de que os traços temperamentais da ordem de dominação, coragem, agressividade, objetividade, maleabilidade estão indissoluvelmente associados a um sexo (enquanto oposto ao outro). Isto pode parecer estranho a uma civilização que, em sua sociologia, sua medicina, sua gíria, sua poesia e sua obscenidade admite para as diferenças socialmente definidas entre os sexos uma base inata no temperamento, e vê em qualquer desvio do papel socialmente determinado uma anormalidade de origem congênita, ou amadurecimento precoce. Isto me causou surpresa, porque eu estava por demais habituada a empregar, em meu raciocínio, certos conceitos, como "tipo misto", a imputar a alguns homens temperamentos "femininos", ou a algumas mulheres mentalidade "masculina". Impus-me como problema o estudo do condicionamento das personalidades sociais dos dois sexos, na esperança de que tal investigação lançasse alguma luz sobre as diferenças sexuais. Eu compartilhava a crença geral da nossa sociedade de que havia um temperamento ligado ao sexo natural, que no máximo poderia ser destor-

cido ou afastado da expressão normal. Nem de leve eu suspeitava que os temperamentos que reputamos naturais a um sexo pudessem, ao invés, ser meras variações do temperamento humano a que os membros de um ou ambos os sexos pudessem, com maior ou menor sucesso no caso de indivíduos diferentes, ser aproximados através da educação.

17. A PADRONIZAÇÃO DO TEMPERAMENTO SEXUAL

Consideramos até agora, em pormenor, as personalidades aprovadas de cada sexo, entre três grupos primitivos. Vimos que os Arapesh — homens e mulheres — exibiam uma personalidade que, fora de nossas preocupações historicamente limitadas, chamaríamos maternal em seus aspectos parentais e feminina em seus aspectos sexuais. Encontramos homens, assim como mulheres, treinados a ser cooperativos, não-agressivos, suscetíveis às necessidades e exigências alheias. Não achamos idéia de que o sexo fosse uma poderosa força motriz quer para os homens quer para as mulheres. Em acentuado contraste com tais atitudes, verificamos, em meio aos Mundugumor, que homens e mulheres se desenvolviam como indivíduos impla-

cáveis, agressivos e positivamente sexuados, com um mínimo de aspectos carinhosos e maternos em sua personalidade. Homens e mulheres aproximavam-se bastante de um tipo de personalidade que, em nossa cultura, só iríamos encontrar num homem indisciplinado e extremamente violento. Nem os Arapesh nem os Mundugumor tiram proveito de um contraste entre os sexos; o ideal Arapesh é o homem dócil e suscetível, casado com uma mulher dócil e suscetível; o ideal Mundugumor é o homem violento e agressivo, casado com uma mulher também violenta e agressiva. Na terceira tribo, os Tchambuli, deparamos verdadeira inversão das atitudes sexuais de nossa própria cultura, sendo a mulher o parceiro dirigente, dominador e impessoal, e o homem a pessoa menos responsável e emocionalmente dependente. Estas três situações sugerem, portanto, uma conclusão muito definida. Se aquelas atitudes temperamentais que tradicionalmente reputamos femininas — tais como passividade, suscetibilidade e disposição de acalantar crianças — podem tão facilmente ser erigidas como padrão masculino numa tribo, e na outra ser prescritas para a maioria das mulheres, assim como para a maioria dos homens, não nos resta mais a menor base para considerar tais aspectos de comportamento como ligados ao sexo. E esta conclusão torna-se ainda mais forte quando observamos a verdadeira inversão, entre os Tchambuli, da posição de dominância dos dois sexos, a despeito da existência de instituições patrilineares formais.

O material sugere a possibilidade de afirmar que muitos, senão todos, traços de personalidade que chamamos de masculinos ou femininos apresentam-se ligeiramente vinculados ao sexo quanto às vestimentas, às maneiras e à forma do penteado que uma sociedade, em determinados períodos, atribui a um ou a outro sexo. Quando ponderamos o comportamento do típico homem ou mulher Arapesh, em contraste com o do típico homem ou mulher Mundugumor, a evidência é esmagadoramente a favor da força de condicionamento social. De nenhum outro modo podemos dar conta da uniformidade quase completa com que as crianças Arapesh se transformam em pessoas satisfeitas, passivas, seguras, enquanto que as crianças Mundugumor se convertem caracteristicamente em pessoas violentas, agressivas e inseguras. Só ao impacto do todo da cultura integrada sobre a criança em crescimento podemos atribuir a formação dos tipos contrastantes. Não há outra explicação de raça, dieta ou seleção que possamos aduzir para esclarecê-la. Somos forçados a concluir que a natureza humana é quase incrivelmente maleável, respondendo acurada e diferentemente a condições culturais contrastantes. As diferenças entre indivíduos que são mem-

bro de diferentes culturas, a exemplo das diferenças entre indivíduos dentro da mesma cultura, devem ser atribuídas quase inteiramente às diferenças de condicionamento, em particular durante a primeira infância, e a forma deste condicionamento é culturalmente determinada. As padronizadas diferenças de personalidade entre os sexos são desta ordem, criações culturais às quais cada geração, masculina e feminina, é treinada a conformar-se. Persiste entretanto o problema da origem dessas diferenças socialmente padronizadas.

Conquanto a importância básica do condicionamento social ainda seja imperfeitamente reconhecida — não apenas no pensamento leigo, mas até pelo cientista especificamente preocupado com tais assuntos — ir além e considerar a possível influência de variações no equipamento hereditário é empresa arriscada. As páginas seguintes não de oferecer um significado muito diferente para quem tenha integrado em seu pensar o reconhecimento do admirável mecanismo conjunto do condicionamento cultural — quem realmente haja acolhido o fato de que seria possível desenvolver a mesma criança como pleno participante em qualquer dessas três culturas — e outro para quem ainda acredite que as minúcias do comportamento cultural são transportadas no plasma germinativo individual. Se se disser, portanto, que, embora tenhamos captado a significação total da maleabilidade do organismo humano e a importância preponderante do condicionamento cultural, ainda restam outros problemas a solver, cumpre lembrar que esses problemas *se seguem* a tal compreensão da força do condicionamento; não podem precedê-la. As forças que levam as crianças nascidas entre os Arapesh a se desenvolverem em personalidades Arapesh típicas são inteiramente sociais, e qualquer discussão das variações correntes deve ser visualizada contra este substrato social.

Com esta advertência em mente, podemos formular mais uma pergunta. Admitindo-se a maleabilidade da natureza humana, por que motivo surgem as diferenças entre as personalidades padronizadas que as diferentes culturas decretam para todos os seus membros, ou que uma cultura decreta para os membros de um sexo em contraste com os do sexo oposto? Se tais diferenças são culturalmente criadas, porquanto este material poderia sugerir muito fortemente que o são, se a criança recém-nascida é moldável com igual facilidade num Arapesh não-agressivo ou num agressivo Mundugumor, por que então ocorrem em geral esses contrastes impressionantes? Se as chaves das diferentes personalidades determinadas para os homens e mulheres, entre os Tchambuli, não residem na constitui-

ção física dos dois sexos — uma posição que nos incumbe rejeitar seja no caso dos Tchambuli seja no de nossa própria sociedade — onde havemos de achar as chaves em que os Tchambuli, os Arapesh e os Mundugumor se basearam? As culturas são feitas pelo homem, são construídas de materiais humanos; não estruturas diversas, porém comparáveis, dentro das quais os seres humanos podem atingir plena estatura humana. Sobre o quê construíram eles as suas diversidades?

Reconhecemos que uma cultura homogênea empenhada, desde as suas instituições mais graves aos costumes mais frágeis, em um rumo cooperativo, não-agressivo, pode inclinar cada criança a essa ênfase, algumas a um perfeito acordo com ela, a maioria a uma fácil aceitação, enquanto só alguns poucos desajustados deixam de receber o carimbo cultural. Considerar que certos traços como agressividade ou passividade estão ligados ao sexo não é possível à luz dos fatos. Terão semelhantes traços — como agressividade ou passividade, orgulho ou humildade, objetividade ou preocupação com relações pessoais, resposta fácil às necessidades do jovem e do fraco ou hostilidade em face destes, tendência a iniciar relações sexuais ou, apenas, a responder aos ditames de uma situação ou iniciativas de outra pessoa — terão estes traços alguma base no temperamento em geral? Serão eles potencialidades de todos os temperamentos humanos, que podem ser desenvolvidos por diferentes espécies de condicionamento social e que não aparecerão na falta do necessário condicionamento?

Quando propomos essa pergunta, deslocamos nossa ênfase. Se indagarmos por que um homem ou uma mulher Arapesh denotam o tipo de personalidade que consideramos na primeira parte deste livro, a resposta será: Por causa da cultura Arapesh, por causa da forma intrincada, elaborada e infalível pela qual uma cultura é capaz de moldar cada recém-nascido à imagem cultural. E se fizermos a mesma pergunta acerca de um homem ou mulher Mundugumor, ou a respeito de um homem Tchambuli comparado a uma mulher Tchambuli, a réplica será do mesmo gênero. Eles ostentam as personalidades peculiares às culturas em que nasceram e foram educados. Nossa atenção se concentrou nas diferenças entre homens e mulheres Arapesh como um grupo, e homens e mulheres Mundugumor como um grupo. É como se houvéssimos representado a personalidade Arapesh por um amarelo-claro, a Mundugumor por um vermelho-escuro, enquanto a personalidade feminina Tchambuli fosse laranja-escuro e a do homem Tchambuli, verde-pálido. Mas se inquirirmos de onde proveio a orientação original em cada cultura, de modo que uma se mostre agora amarela, outra vermelha, a terceira laranja e verde

segundo o sexo, cumpre então perscrutá-las mais de perto. E debruçando-nos mais próximos do quadro, é como se, por trás do brilhante amarelo consistente dos Arapesh e do vermelho-escuro outrossim consistente dos Mundugumor, atrás do laranja e verde dos Tchambuli, achássemos em cada caso os delicados e apenas discerníveis contornos de todo o espectro, diferentemente revestido em cada caso pelo tom uniforme que o cobre. Esse espectro é a amplitude de diferenças individuais que se encontram atrás dos acentos culturais mais conspícuos, e é aí que devemos procurar a explicação da inspiração cultural, da fonte onde se abeberou cada cultura.

Parece haver igual amplitude de variação temperamental básica entre os Arapesh e os Mundugumor, embora o homem violento seja um desajustado na primeira sociedade e um líder na segunda. Se a natureza humana fosse matéria-prima totalmente homogênea, carente de impulsos específicos e caracterizada por diferenças constitucionais irrelevantes entre os indivíduos, então aqueles que apresentam traços de personalidade tão antitéticos à pressão social não deveriam reaparecer em sociedades com ênfases tão diversas. Se as variações entre indivíduos fossem atribuíveis a acidentes no processo genético, os mesmos acidentes não se repetiriam com frequência análoga em culturas tão acentuadamente diferentes, com métodos de educação fortemente contrastantes.

Mas, pelo fato ~~de~~ essa mesma distribuição relativa de diferenças individuais aparecer em cultura após cultura, malgrado a divergência entre as culturas, parece apropriado oferecer uma hipótese para explicar sobre que bases as personalidades de homens e mulheres foram diversamente padronizadas com tanta frequência na história da raça humana. Esta hipótese é uma extensão daquela aventada por Ruth Benedict em seu *Patterns of Culture*. Suponhamos que existam diferenças temperamentais definidas entre seres humanos que, se não são inteiramente hereditárias, pelo menos são estabelecidas numa base hereditária logo após o nascimento. (Mais do que isso, não podemos no momento aprofundar o assunto.) Estas diferenças, finalmente incorporadas à estrutura de caráter dos adultos, constituem, então, as chaves a partir das quais a cultura atua, selecionando como desejável um temperamento, ou uma combinação de tipos congruentes e relacionados, e incorporando esta escolha a cada fio da tessitura social — ao cuidar das crianças pequenas, aos jogos que as crianças praticam, às músicas que as pessoas cantam, à estrutura da organização política, às práticas religiosas, à arte e à filosofia.

Algumas sociedades primitivas tiveram tempo e robustez para reparar todas as suas instituições, de modo a ajustá-las a um tipo extremo, e a desenvolver técnicas educacionais, as quais hão de assegurar que a maioria de cada geração apresentará uma personalidade congruente com esta ênfase extrema. Outras sociedades trilhavam um caminho menos definido, selecionando seus modelos não dos indivíduos mais extremos, mais altamente diferenciados, porém dos tipos menos acentuados. Em tais sociedades, a personalidade aprovada é menos pronunciada e a cultura contém amiúde os tipos de inconsistências que muitos seres humanos também exibem; uma instituição pode ajustar-se aos usos do orgulho, outra a uma humildade casual que não é congruente nem com o orgulho, nem com o orgulho invertido. Tais sociedades, que adotaram como modelos os tipos mais comuns e menos agudamente definidos, muitas vezes revelam também uma estrutura social padronizada de modo menos definido. A cultura de tais sociedades é comparável a uma casa cuja decoração não foi composta por um gosto preciso e definido, por uma ênfase exclusiva na dignidade ou conforto, na pretensão ou beleza, mas onde foi incluído um pouco de cada efeito.

Alternativamente, uma cultura pode obter suas chaves, não de um temperamento, porém de vários. Mas, em vez de misturar numa mixórdia inconsistente as escolhas e ênfases de diferentes temperamentos, ou combiná-las num todo polido mas não particularmente diferenciado, pode isolar cada tipo, convertendo-o na base da personalidade social aprovada para um grupo de idade, de sexo, de casta ou de ocupação. Dessa forma, a sociedade torna-se não um tom uniforme com algumas manchas discrepantes de uma cor intrusa, porém um mosaico, com grupos diferentes apresentando diferentes traços de personalidade. Especializações como estas podem fundamentar-se em qualquer faceta dos dotes humanos — diferentes habilidades intelectuais, diferentes capacidades artísticas, traços emocionais diversos. Assim, os samoanos determinam que todos os jovens devem apresentar como traço de personalidade a ausência de agressividade e punem com opróbrio a criança agressiva que apresenta traços considerados apropriados somente em homens nobres de meia-idade. Nas sociedades baseadas em idéias elaboradas de hierarquia, os membros da aristocracia serão autorizados, compelidos mesmo, a demonstrar orgulho, sensibilidade a insultos, que seriam condenados como impróprios em membros das classes plebéias. Assim também, em grupos profissionais, ou em seitas religiosas, alguns traços temperamentais são selecionados e institucionalizados, e ensinados a cada novo membro que ingressa na profissão ou seita. Da mesma forma,

o médico aprende o modo de tratar que é o comportamento natural de alguns temperamentos e o comportamento-padrão do clínico geral na profissão médica; o Quacre aprende, pelo menos, o comportamento exterior e os rudimentos da meditação, a capacidade que não é, necessariamente, característica inata de muitos dos membros da Society of Friends¹.

O mesmo acontece com as personalidades sociais dos dois sexos. Os traços que ocorrem em alguns membros de cada sexo são especialmente consignados a um sexo e denegados a outro. A história da definição social das diferenças de sexo está cheia de tais arranjos arbitrários no campo intelectual e artístico, mas, em virtude da suposta congruência entre sexo fisiológico e dotação emocional, temos sido menos capazes de reconhecer que uma similar seleção arbitrária é feita também entre os traços emocionais. Admitimos que, por convir a uma mãe o desejo de cuidar de sua criança, se trata de um traço com que as mulheres foram mais prodigamente dotadas por um cuidadoso processo teleológico de evolução. Admitimos que, pelo fato de os homens caçarem, uma atividade que requer arrojo, bravura e iniciativa, foram dotados com estas proveitosas atitudes como parte de seu temperamento de sexo.

As sociedades fizeram estas suposições quer aberta quer implicitamente. Se uma sociedade insiste em que a guerra é a ocupação mais importante para o sexo masculino, estará por conseguinte insistindo em que todos os meninos demonstrem bravura e belicosidade. Mesmo que a acentuação da bravura diferencial de homens e mulheres não venha a articular-se, a diferença em ocupação torna implícito este ponto. Quando, entretanto, uma sociedade vai adiante e define os homens como corajosos e as mulheres como medrosas, quando aqueles são proibidos de mostrar medo e a estas se perdoa a demonstração mais flagrante de medo, introduz-se um elemento mais explícito. Coragem, ódio a qualquer fraqueza, ao recuo diante da dor ou do perigo — esta atitude, que é um componente tão forte de alguns temperamentos humanos, foi escolhida como chave do comportamento masculino. A franca demonstração do medo ou do sofrimento, que é congênial a um temperamento diferente, foi convertida em chave do comportamento feminino.

Originalmente duas variações do temperamento humano, um ódio ao medo ou desejo de exibi-lo, viram-se socialmente traduzidas em aspectos inalienáveis das perso-

(1) Sociedade de Amigos, ordem dos Quacres.

nalidades dos dois sexos. E nessa definida personalidade do sexo toda criança será educada, se for menino, para suprimir o medo, se for menina, para demonstrá-lo. Se não houver uma seleção social com respeito a este traço, o temperamento altivo, que é avesso a qualquer frouxidão de sentimentos, manifestar-se-á, independentemente do sexo, pela dureza do queixo. Sem uma taxativa proibição de tal comportamento, o homem ou a mulher francos e expressivos hão de chorar ou comentar o medo e o sofrimento. Tais atitudes, fortemente marcadas em certos temperamentos, podem por seleção social ser padronizadas ou proibidas para todos, ignoradas pela sociedade, ou convertidas no comportamento aprovado e exclusivo de um único sexo.

Nem os Arapesh, nem os Mundugumor estabeleceram qualquer atitude específica para o sexo. Todas as energias da cultura foram dirigidas para a criação de um único tipo humano, independente de classe, idade ou sexo. Não há divisões entre classes etárias em relação às quais se considerem adequados motivos e atitudes morais diferentes. Não há classe de videntes ou profetas que permaneçam à parte, bebendo inspiração em fontes psicológicas inacessíveis à maioria das pessoas. Os Mundugumor fizeram, é verdade, uma seleção arbitrária, quando reconheceram habilidade artística apenas em indivíduos nascidos com o cordão umbilical em volta do pescoço, e negaram firmemente o feliz exercício da habilidade artística aos nascidos de maneira menos incomum. O menino Arapesh com infecção de sarna foi socialmente selecionado para tornar-se um indivíduo descontente e anti-social, e a sociedade força crianças alegres e cooperativas, amaldiçoadas com essa doença, a se aproximarem por fim do comportamento próprio de um pária. Com estas duas exceções, nenhum papel emocional é imposto ao indivíduo em razão de nascimento ou de acaso. Assim como não há entre eles idéia de grau que declare alguns de posição social elevada e outros baixa, tampouco há idéia de diferença sexífera que proclame a necessidade de um sexo sentir diversamente do outro. Uma possível construção² social imaginativa, a atribuição de diferentes personalidades a diferentes membros da comunidade classificados em grupos de casta, sexo e idade, não existe.

Entretanto, quando nos voltamos para os Tchambuli, encontramos uma situação que, conquanto bizarra em um aspecto, parece, não obstante, mais compreensível em outro. Os Tchambuli, ao menos, levaram em consideração

as diferenças de sexo: usaram o fato óbvio do sexo como um ponto de organização para a formação da personalidade social, mesmo que nos pareça terem invertido o quadro normal. Embora haja motivo para acreditar que nem toda mulher Tchambuli nasce com um temperamento dominador, organizador e administrativo, ativamente sexual e disposta a tomar a iniciativa nas relações sexuais, possessiva, determinada, prática e impessoal em suas perspectivas, ainda assim a maioria das meninas Tchambuli cresce com estes traços. E, embora existam provas definitivas a demonstrar que os homens Tchambuli não são, por dotes inatos, os atores delicados e responsáveis de uma peça encenada em benefício das mulheres, ainda assim a maioria dos meninos Tchambuli manifesta no mais das vezes essa personalidade vaidosa de ator. Visto que a formulação Tchambuli de atitudes de sexo contradiz nossas premissas comuns, podemos ver claramente que a sua cultura atribuiu arbitrariamente certos traços humanos às mulheres e imputou outros, da mesma forma arbitrária, aos homens.

Se aceitarmos, então, essa evidência tirada dessas sociedades simples que, através de séculos de isolamento da corrente principal da história humana, conseguiram desenvolver culturas mais extremas e surpreendentes do que é possível sob condições históricas de grande intercomunicação entre povos e a resultante heterogeneidade, quais são as implicações desses resultados? Que conclusões podemos extrair de um estudo da forma pela qual uma cultura seleciona alguns traços da extensa gama de dotes humanos e especializa esses traços ou para um sexo, ou para toda a comunidade? Que importância tem esses resultados para o pensamento social? Antes de considerarmos esta questão, será necessário discutir mais pormenorizadamente a posição do desajustado, o indivíduo cuja disposição inata é tão estranha à personalidade social exigida por sua cultura para sua idade, sexo, ou casta, que jamais conseguirá usar perfeitamente a vestimenta de personalidade que sua sociedade lhe confeccionou.

(2) No sentido de *construct* mental.

18. INADAPTADO

Quais são as implicações de uma compreensão do inadaptado social, do ponto de vista esboçado no último capítulo? Sob o termo "inadaptado" inclui qualquer indivíduo que, por disposições inatas ou acidente da primeira educação, ou mediante as influências contraditórias de uma situação cultural heterogênea, foi culturalmente "cassado", o indivíduo para quem as ênfases mais importantes de sua sociedade parecem absurdas, irreais, insustentáveis ou completamente erradas. O homem médio, em qualquer sociedade, perscruta o próprio coração e nele encontra um reflexo do mundo à sua volta. O delicado processo educacional que o tornou adulto assegurou-lhe essa pertinência espiritual à sua própria sociedade. Isso, porém, não é verdadeiro no caso do indivíduo para cujos dotes tempe-

ramentais sua sociedade não tem emprego, e nem sequer tolerância. A mais superficial inspeção de nossa história é suficiente para demonstrar que dotes exaltados num século são desaprovados no seguinte. Homens que seriam santos na Idade Média não têm vocação nas modernas Inglaterra e América. Quando consideramos sociedades primitivas que selecionaram atitudes muito mais extremas e contrastantes do que o fizeram as nossas próprias culturas ancestrais, o assunto se torna ainda mais claro. Na medida em que uma cultura é integrada e definida em seus objetivos, intransigente em suas preferências morais e espirituais, nesta mesma medida condena alguns de seus membros — membros apenas por nascimento — a viver alheios a ela, na melhor das hipóteses em perplexidade e no pior dos casos numa rebelião que pode dar em loucura.

Tornou-se moda agrupar todos aqueles que não aceitam a norma cultural como neuróticos, indivíduos alienados da "realidade" (isto é, das soluções atuais de sua própria sociedade) para o conforto ou inspiração de situações fantasiosas, refugiando-se em alguma filosofia transcendente, na arte, no radicalismo político ou, simplesmente, na inversão sexual ou outra qualquer idiossincrasia elaborada de comportamento — vegetarianismo ou uso de cilício. O neurótico é, ademais, considerado imaturo; não cresceu o suficiente para compreender as motivações obviamente realistas e louváveis de sua própria sociedade.

Nesta definição cobre-tudo, dois conceitos bem diversos ficaram borrados e confusos, um inutilizando o outro. Entre os desadaptados de qualquer sociedade, é possível distinguir aqueles que são fisiologicamente inadequados. Talvez tenham intelectos fracos ou glândulas defeituosas; alguma das possíveis fraquezas orgânicas pode predeterminá-los ao fracasso em qualquer das mais simples tarefas. Talvez — rara, muito raramente se encontram tais indivíduos — tenham praticamente todo o equipamento fisiológico do sexo oposto. Nenhum desses indivíduos sofre de qualquer discrepância entre um pendor puramente temperamental e a ênfase social; são meramente fracos e defeituosos, ou são anormais no sentido de que se acham num grupo que se desvia demasiado dos padrões culturais humanos — não padrões culturais particulares — para que possa funcionar efetivamente. A tais indivíduos, toda sociedade deve proporcionar um ambiente mais brando, mais limitado, ou mais particular do que aquele que oferece à maioria de seus membros.

Existe, porém, outro tipo de neurótico, continuamente confundido com estes indivíduos fisiologicamente defeituosos; trata-se do desajustado cultural, aquele que está em desacordo com os valores de sua sociedade. A moderna

psiquiatria tende a atribuir todo o seu desajustamento a condicionamento precoce e, assim, coloca-o na odiosa categoria dos psicicamente aleijados. O estudo das condições primitivas não corrobora uma explicação tão simples. Não explica o fato de que sempre esses indivíduos que mostram acentuadas predisposições temperamentais em oposição às ênfases culturais é que são, em cada sociedade, as pessoas desajustadas; ou o fato de que o tipo de indivíduo que é desajustado entre os Mundugumor é diferente do tipo que o é entre os Arapesh. Não explica por que tanto uma América materialista e azafamada como uma tribo materialista e azafamada das Ilhas do Almirantado produzem vagabundos, ou por que o indivíduo dotado de uma capacidade de sentir intensamente é que é desajustado em Zuni ou em Samoa. Tal material sugere a existência de outro tipo de indivíduo desajustado, cujo malogro no ajustamento deveria atribuir-se não à sua própria fraqueza e deficiência, não ao acaso ou à doença, mas a uma discrepância fundamental entre sua disposição inata e os padrões da sua sociedade.

Quando a sociedade não é estratificada e as personalidades sociais de ambos os sexos são fundamentalmente semelhantes, estes desadaptados procedem indiscriminadamente dos dois sexos. Entre os Arapesh o homem violento e a mulher violenta, entre os Mundugumor o homem e a mulher confiantes e cooperativos, são os desadaptados. A auto-estima demasiado positiva determina o desajustamento entre os Arapesh, a auto-estima demasiado negativa é um defeito igual entre os Mundugumor. Em capítulos anteriores, discutimos as personalidades de alguns desses indivíduos desadaptados e mostramos como os mesmos dotes que a sociedade Mundugumor teria honrado eram desaprovados entre os Arapesh, como a Wabe, Temos e Amitoa se afiguraria compreensível a vida Mundugumor, enquanto Ombléan e Kwenda estariam à vontade entre os Arapesh. Contudo, a alienação desses dois grupos em suas próprias culturas, a despeito de prejudicar seu funcionamento social, reduzindo os empregos em que seus dotes poderiam aplicar-se, não obstante deixou ileso seu funcionamento psicossocial. Os impulsos positivos de Amitoa levaram-na a comportar-se não como um homem, mas como uma mulher das Planícies. O amor de Ombléan pelas crianças e seu desejo de trabalhar ativamente a fim de cuidar de muitos dependentes não o tornavam suspeito de ser como uma mulher, nem provocava em seus companheiros uma acusação de efeminação. Amando as crianças, a paz e a ordem, seu comportamento poderia parecer-se ao de alguns homens brancos, ou alguma tribo que eles nunca viram, mas certamente se parecia tão pouco ao de uma mulher

Mundugumor quanto ao de um homem Mundugumor. Não havia homossexualismo nem entre os Arapesh nem entre os Mundugumor.

No entanto, qualquer sociedade que especializa seus tipos de personalidade pelo sexo, que insiste em que qualquer traço — amor pelas crianças, interesse pela arte, bravura em face do perigo, tagarelice, falta de interesse em relações pessoais, passividade nas relações sexuais; há centenas de traços dos mais diversos tipos que foram assim especializados — está inalienavelmente ligado ao sexo, pavimenta o caminho para uma espécie de desajustamento da pior ordem. Onde não existe tal dicotomia, um homem pode fitar tristemente seu mundo e achá-lo essencialmente sem significado, mas mesmo assim casar-se e criar filhos, encontrando talvez um alívio definitivo de sua infelicidade nessa participação total numa forma social reconhecida. Uma mulher pode devanear a vida inteira com um mundo onde haja dignidade e orgulho em vez da mediocre moralidade mercenária que ela encontra à sua volta e, ainda assim, cumprimentar o marido com um sorriso franco e cuidar dos filhos num ataque de crupe. O desadaptado pode transferir seu senso de estranheza à pintura, à música, ou a uma atividade revolucionária e, apesar disso, permanecer essencialmente lúcido em sua vida pessoal, em suas relações com os membros de seu próprio sexo e os do sexo oposto. Não é assim, entretanto, numa sociedade que, como a dos Tchambuli ou a da Eufopa e América históricas, definem alguns traços de temperamento como masculinos e outros como femininos. Em aditamento ou à parte da dor de haver nascido numa cultura cujas metas reconhecidas ele não pode fazer suas, um homem assim vê-se agora em muitos casos assaltado por uma angústia complementar, a de ser perturbado em sua vida psico-sexual. Os seus sentimentos são não só incorretos, mas também, e o que é muito pior e mais desconcertante, são os de uma mulher. O ponto significativo não é se esta desorientação, que torna os objetivos definidos das mulheres de sua sociedade compreensíveis para ele e os objetivos dos homens alheios e desagradáveis, resulta numa inversão ou não. Nos casos extremos em que o temperamento de um homem concorda muito de perto com a personalidade feminina aprovada, e se existe uma forma social atrás da qual possa abrigar-se, um homem pode voltar-se para a inversão declarada e para o travestismo.¹ Entre os índios das Planícies, o indivíduo que preferia as atividades plácidas das mulheres às atividades perigosas e

(1) O neologismo faz-se necessário para a clareza do conceito.

torturantes dos homens podia exprimir sua preferência em termos de sexo; era-lhe dado assumir roupagens e ocupações femininas e proclamar que, na verdade, era mais mulher do que homem. Entre os Mundugumor, onde não existe tal padrão, um homem pode orientar-se para atividades femininas, tais como a pesca, sem que lhe ocorra simbolizar seu comportamento em vestimentas femininas. Não havendo qualquer contraste entre os sexos e nem qualquer tradição de travestismo, uma variação na preferência temperamental não resulta nem em homossexualismo, nem em travestismo. Por estar distribuído desigualmente pelo mundo, parece claro que o travesti não é apenas uma variação que ocorre quando existem diferentes personalidades decretadas para homens e mulheres, mas que não ocorre, necessariamente, nem mesmo aí. É de fato uma invenção social que se estabeleceu entre os índios americanos e na Sibéria, mas não na Oceania.

Observei com alguns detalhes o comportamento de um jovem índio americano que era, com toda a probabilidade, um invertido inato, durante o período em que justamente estava tornando explícito o seu travestismo. Este homem mostrara, quando menino pequeno, traços femininos tão acentuados que um grupo de mulheres capturara-o certa vez e despira-o para descobrir se era mesmo um menino. Conforme foi crescendo, começou a especializar-se em ocupações femininas e a usar roupa branca feminina, embora exteriormente ainda preferisse trajes masculinos. Levava nos bolsos, porém, grande variedade de anéis e braceletes, como os que somente as mulheres usam. Nas festas em que os sexos dançavam separadamente, começava a noite vestido como homem e dançando como homem e depois, como se agisse sob irresistível compulsão, começava a aproximar-se cada vez mais das mulheres e, ao fazê-lo, colocava uma jóia após outra. Finalmente, aparecia um xale, e, no término da noite, estava vestido qual um *berdache*, um travesti. As pessoas já estavam referindo-se a ele como "ela". Citei este caso no presente contexto para deixar claro que se trata do tipo de indivíduo desajustado a que esta discussão não diz respeito. Sua aberração parecia ter uma origem fisiológica específica; não era uma mera variação temperamental que sua sociedade resolvera definir como feminina.

Essa discussão não concerne nem aos invertidos congênitos, nem ao comportamento público do homossexual praticante. Existem formas, é verdade, pelas quais os diferentes tipos de desajustamento se cruzam e reforçam uns aos outros, e é possível encontrar o invertido congênito entre os que buscaram abrigo no travestismo. Mas os inadaptados que ora nos interessam são os indivíduos cujo

ajustamento à vida é condicionado por sua afinidade temperamental com um tipo de comportamento considerado inatural a seu próprio sexo e natural ao sexo oposto. A fim de produzir este tipo de desajustamento, faz-se necessário não só uma personalidade social definida aprovada, mas é preciso que também esta personalidade seja rigidamente limitada a um dos sexos. A coerção exercida com o fito de levar o indivíduo a comportar-se como membro de seu próprio sexo converte-se num dos instrumentos mais fortes com que a sociedade tenta moldar a criança em crescimento nas formas aceitas. Uma sociedade destituída de uma rígida dicotomia de sexo diz simplesmente à criança que denota traços de comportamento aberrante: "Não aja dessa forma". "As pessoas não fazem isso." "Se você se comportar desse modo, ninguém vai gostar de você." "Se você se portar dessa forma, nunca se casará." "Se você se portar assim, as pessoas o enfeitirão", e assim por diante. Invoca — como no caso do pendor natural da criança a rir, chorar ou zangar-se em lugares impróprios, a ver insultos onde não existem ou deixar de perceber um insulto pretendido — considerações da conduta humana como socialmente definidas, não de conduta determinada pelo sexo. O estribilho da canção disciplinadora é: "Você não será um verdadeiro ser humano, a menos que suprima essas tendências incompatíveis com nossa definição de humanidade". Porém não ocorre aos Arapesh nem aos Mundugumor acrescentar: "Você não se está comportando de forma alguma como um menino. Está-se comportando como uma menina", mesmo quando realmente possa ser este o caso. Cabe lembrar que, entre os Arapesh, os meninos, devido à tênue diferença de tratamento dos pais, choram mais do que as meninas e têm acessos de cólera até bem tarde. Entretanto, em virtude de não haver idéia de diferença de sexo no comportamento emocional, esta diferença real nunca foi invocada. Nas sociedades em que não existe dicotomia sexual de temperamento, um aspecto, um aspecto básico, do sentimento da criança acerca de sua posição no universo não é levado a desafio — a autenticidade de sua pertinência ao seu próprio sexo. Pode continuar observando o modo de conjugação dos mais velhos e padronizar suas esperanças e pretensões segundo esse modo. Não é obrigada a identificar-se com um progenitor do sexo oposto quando lhe dizem que seu próprio sexo é assaz discutível. Uma leve imitação do pai por parte da filha, ou da mãe por parte do filho, não é aproveitada e convertida em exprobração, ou em profecia de que a menina crescerá masculinizada ou o menino efeminado. As crianças Arapesh e Mundugumor são poupadas dessa forma de confusão.

Consideremos, em compensação, a forma pela qual as crianças de nossa cultura são pressionadas à submissão: "Não se comporte como uma menina". "As meninas não fazem isso." A ameaça de que não irá comportar-se como membro de seu próprio sexo é usada para impor mil detalhes de rotina educacional e asseio, maneiras de sentar e descansar, idéias de esportividade e honestidade, padrões de expressão de emoções e uma multidão de outros pontos em que reconhecemos diferenças de sexo socialmente definidas, tais como limites de vaidade pessoal, interesse em roupas ou em acontecimentos atuais. De um lado para o outro, tece a lançadeira do comentário: "Meninas não fazem isso", "Você não quer crescer para tornar-se um homem de verdade como papai?", emaranhando as emoções da criança numa confusão que, se ela for infeliz bastante para possuir, mesmo em pequeno grau, o temperamento aprovado para o sexo oposto, pode evitar o estabelecimento de qualquer ajustamento adequado a seu mundo. Toda vez que se toca no ponto de conformação do sexo, toda vez que o sexo da criança é invocado como motivo pelo qual deveria preferir calças a saias, bastões de beisebol a bonecas, murros a lágrimas, incute-se na mente da criança um medo de que, apesar da evidência anatômica contrária, ela pode realmente não pertencer ao seu próprio sexo.

O pequeno peso da evidência anatômica do próprio sexo, comparada com o condicionamento social, foi vividamente dramatizado há pouco tempo numa cidade do Centro-Oeste americano, onde se encontrou um menino que por doze anos vivera como menina, sob o nome de Maggie, executando tarefas e usando roupas de menina. Ele descobrira, vários anos antes, que sua anatomia era de menino, mas isso não lhe sugerira a possibilidade de ser socialmente classificado como tal. Não obstante, quando assistentes sociais descobriram o caso e modificaram a sua classificação, ele não mostrou quaisquer traços de inversão; tratava-se apenas de um menino erroneamente classificado como menina, e cujos pais, por razões que não se descobriram, se recusavam a reconhecer e retificar seu erro. Esse estranho caso revela a força da classificação social, em oposição à mera qualidade de membro anatômico de um sexo, e é essa classificação social que permite à sociedade implantar nas mentes infantis dúvidas e confusões sobre sua posição sexual.

Tal pressão social exerce-se de várias maneiras. Primeiro, a ameaça de "cassação" de sexo contra a criança que apresenta tendências aberrantes, o menino que não gosta de brincadeiras violentas ou que chora quando é repreendido, a menina que só se interessa por aventuras,

ou prefere bater em suas companheiras de folguedos a derramar-se em lágrimas. Em segundo lugar, a atribuição das emoções definidas como femininas ao menino que mostra a mais leve preferência por uma das ocupações ou distrações superficialmente limitadas pelo sexo. O interesse de um garoto pelo tricô pode nascer do prazer na própria habilidade para manipular uma agulha; seu interesse pelo cozinhar pode derivar de um tipo de interesse que mais tarde o levaria a ser um químico de primeira classe; seu interesse por bonecas pode surgir não de sentimentos ternos e carinhosos, mas do desejo de dramatizar algum incidente. Da mesma forma, o irresistível interesse de uma menina pela equitação poderá originar-se do deleite com sua própria coordenação física no lombo do cavalo, o interesse pelo telégrafo do irmão pode vir do orgulho de sua eficiência no manejo do código Morse. Alguma potencialidade física, intelectual ou artística pode casualmente expressar-se numa atividade supostamente apropriada ao sexo oposto. Tem isso duas conseqüências: a criança é censurada em sua escolha e acusada de ter as emoções do sexo oposto, e também pelo fato da escolha ocupacional ou do passatempo arrastá-la mais para o sexo oposto, poderá com o tempo adotar muito do comportamento socialmente limitado àquele sexo oposto.

Uma terceira forma pela qual nossa dicotomia da personalidade social segundo o sexo afeta a criança em crescimento é a base que lhe fornece para uma identificação inversa com os pais. Na moderna psiquiatria, é familiar invocar a identificação do menino com a mãe para explicar sua adoção subsequente de um papel passivo com referência aos membros de seu próprio sexo. Pressupõe-se que, através de uma distorção do curso normal do desenvolvimento da personalidade, o menino deixa de identificar-se com o pai, perdendo a chave para o comportamento "masculino" normal. Ora, não resta dúvida de que a criança em desenvolvimento, ao procurar as chaves de seu papel social na vida, comumente encontra os modelos mais importantes naqueles com os quais se viu ligado, durante a infância, por relação de parentesco. No entanto, minha sugestão é que ainda temos de explicar por que ocorrem essas identificações e que a causa não reside numa feminilidade básica do temperamento do menino pequeno, mas na existência de uma dicotomia entre o comportamento padronizado dos sexos. Devemos descobrir por que determinada criança prefere identificar-se com o progenitor do sexo oposto. As categorias sociais mais evidentes em nossa sociedade — na maioria delas — são os dois sexos. Roupas, ocupações, vocabulário, tudo serve para atrair a atenção da criança para a sua semelhança

com o progenitor do mesmo sexo. Não obstante, algumas crianças, desafiando toda esta pressão, escolhem os pais do sexo oposto, não para amá-los mais, porém como as pessoas a cujos estímulos e finalidades mais se identificam, cujas escolhas sentem poderem assumir quando crescerem.

Antes de nos aprofundarmos nesta questão, gostaria de reapresentar minha hipótese. Sugerir que certos traços humanos foram socialmente especificados como atitudes e comportamento próprios de um único sexo, enquanto outros traços humanos o foram para o sexo oposto. Esta especificação social é, então, racionalizada numa teoria de que o comportamento socialmente decretado é natural a um sexo e inatural ao outro, e de que o desajustado é desajustado por causa de defeitos glandulares ou de acidentes no desenvolvimento. Tomemos um caso hipotético. As atitudes em face da intimidade física variam muitíssimo entre indivíduos e foram diversamente padronizadas em diferentes sociedades. Encontramos sociedades primitivas, como as dos Dobu e dos Manus, onde o contato físico casual é de tal modo proibido aos dois sexos, tão cercado de regras e categorias, que somente um doido tocará em outra pessoa, leve e casualmente. Outras sociedades, como a dos Arapesh, permitem um bocado de leve intimidade física entre pessoas de ambos os sexos e idades diferentes. Consideremos agora uma sociedade que especificou para um sexo este traço temperamental particular. Aos homens foi designado o comportamento característico do indivíduo que julga intolerável o contato físico casual, às mulheres, à guisa de comportamento "natural", o de pessoas que o aceitam facilmente. Para os homens, a mão no braço ou nos ombros, dormir no mesmo quarto com outro homem, ter que segurar outro homem no colo dentro de um automóvel cheio — todo contato desse gênero seria, por definição, repelente, possivelmente até nojoso ou terrificante, se o condicionamento social fosse assaz forte. Para as mulheres, nesta dada sociedade, entretanto, o contato físico tranqüilo e não-convencional seria, por definição, bem acolhido. Abraçar-se-iam entre si, acariciar-se-iam os cabelos, arrumar-se-iam as roupas, dormiriam na mesma cama confortavelmente e sem embaraços. Tomemos agora um casamento entre um homem bem educado desta sociedade, intolerante em relação a qualquer contato físico casual, e uma mulher bem educada, que o acharia natural quando manifestado entre mulheres, e que jamais o esperaria entre meninos ou homens. A este casal nasce uma filha que, desde o nascimento, apresenta uma atitude de *noli me tangere*², que a mãe nada pode fazer para dissipar. A

(2) Em latim no original: *Não me toques*.

menina escapa do colo da mãe, retorce-se quando esta tenta beijá-la. Volta-se com alívio para o pai, que não a embarça com demonstrações de afeto e nem mesmo insiste em segurar-lhe a mão quando a leva a passear. A partir de uma chave tão simples como esta, uma preferência que na criança é temperamental e, no pai, um comportamento masculino socialmente firmado, a garotinha pode construir uma identificação com o pai e uma teoria segundo a qual ela se parece mais com menino do que com menina. Com o tempo pode realmente tornar-se mais ajustada de várias outras maneiras ao comportamento do sexo oposto. O psiquiatra que a encontra mais tarde na vida envergando roupas masculinizadas, exercendo ocupação masculina e incapaz de encontrar a felicidade no casamento, dirá talvez que a identificação com o sexo oposto foi a causa de seu desajustamento como mulher. Esta explicação, porém, não revela o fato de que tal identificação não teria ocorrido nestes termos se não houvesse uma dicotomia de atitudes sexuais na sociedade. A criança Arapesh, que se assemelha mais a um pai reservado que a uma mãe efusiva, pode ter a sensação de parecer-se mais com o pai do que com a mãe, mas isso não resulta em efeitos posteriores sobre sua personalidade numa sociedade em que não é possível "sentir como homem" ou "sentir como mulher". O acidente de uma diferenciação de atitudes sexuais dinamiza essas probabilidades de identificação no ajustamento da criança.

Esse exemplo é reconhecidamente hipotético e simples. As reais condições numa sociedade moderna são infinitamente mais complexas. Arrolar apenas algumas das espécies de confusões que sucedem seria suficiente para focalizar a atenção sobre o problema. Um dos progenitores da criança pode ser anômalo, constituindo-se assim em falso guia para a criança quando ela tenta encontrar o seu papel. Ambos os pais da criança podem desviar-se da norma de maneiras opostas, a mãe mostrando pronunciados traços temperamentais mais adaptados em geral ao homem e o pai apresentando traços opostos. É bastante provável que esta condição ocorra na sociedade moderna, na qual, já que se acredita que o casamento deve basear-se em personalidades contrastantes, homens desadaptados amiúde escolhem mulheres desadaptadas. Assim, a criança, tateando em busca de chaves, poderá efetuar identificação falsa, ou porque seu próprio temperamento se assemelhe ao determinado para o sexo oposto, ou porque, embora em si mesma apta a um ajustamento fácil, o progenitor do seu próprio sexo seja desajustado.

Discuti primeiro a identificação segundo linhas temperamentais, mas ela também pode processar-se em outros

termos. A identificação original pode ocorrer através da inteligência ou de dotes artísticos específicos, identificando-se a criança bem dotada com o progenitor mais dotado, independentemente do sexo. Então, se existir duplo padrão de personalidade, esta simples identificação com base no interesse ou na habilidade traduzir-se-á em termos de sexo, e a mãe lamentará: "Maria está sempre trabalhando com os instrumentos de desenho de Jorge. Ela não tem interesses normais de menina. Jorge diz que é uma pena que ela não tenha nascido menino". A partir deste comentário, será muito fácil a Maria chegar à mesma conclusão.

Vale a pena mencionar aqui a forma pela qual a situação do menino difere da menina em quase todas as sociedades conhecidas. Quaisquer que sejam as disposições com respeito a descendência ou posse de propriedade, e mesmo que esses arranjos exteriores formais se reflitam nas relações temperamentais entre os dois sexos, os valores de prestígio sempre se ligam às ocupações masculinas, se não inteiramente às custas das ocupações femininas, pelo menos em larga proporção. Por isso, quase sempre sucede que é dada à menina "que deveria ter sido um menino" pelo menos a possibilidade de uma participação parcial nas atividades que estão cercadas pela aura de prestígio masculino. Para o menino "que deveria ter sido menina" não existe tal oportunidade. Sua participação em atividades femininas é quase sempre motivo de dupla reprovação: mostrou-se indigno de ser classificado como homem e desse modo condenou-se a atividades de baixo valor de prestígio.

Além do mais, as atitudes e interesses particulares classificados como femininos em qualquer sociedade raramente receberam qualquer expressão mais rica na arte ou na literatura. A menina que acha os interesses masculinos definidos mais próximos dos seus próprios pode encontrar para si mesma formas de expressão vicária; ao menino que talvez conseguisse saídas análogas se houvesse uma arte e literatura femininas comparáveis, nega-se tal evasão satisfatória. Kenneth Grahame imortalizou a perplexidade de todos os meninos diante dos interesses especiais e limitados das meninas, em seu famoso capítulo "Do que falavam elas".

— Ela saiu de novo com aquelas meninas do Vicariato — disse Edward, olhando as compridas pernas negras de Selina movendo-se rapidamente trilha abaixo. — Agora sai com elas todos os dias; e tão logo saem, juntam as cabeças e falam, falam, falam todo o santo tempo! Não consigo imaginar o que tanto acham para falar...

— Talvez falem de ovos de passarinhos — sugeri sonolentemente... — e de navios, búfalos e ilhas desertas; e por

que os coelhos têm rabos brancos; e se prefeririam ter uma escuna ou um cúter; e o que serão quando forem grandes, pelo menos, quero dizer que existem muitas coisas para conversar, se você *quiser* falar.

— Sim; mas elas não conversam sobre este tipo de coisas — insistiu Edward. — Como *podem*? Não *sabem* nada; não sabem *fazer* nada, a não ser tocar piano e ninguém gostaria de falar sobre *isso*; e não se interessam por nada, nada que tenha sentido, quero dizer. Então, de que *falam* elas?... Mas não consigo compreender estas meninas. Se elas realmente têm algo inteligente para conversar, como é que ninguém sabe o que é? E se não têm — e nós sabemos que não *podem* ter, naturalmente — por que não calam a boca? Este velho coelho aqui, *ele* não quer falar...

— Oh! Mas os coelhos falam! — interpôs Harold. — Já os observei muitas vezes em sua gaiola. Juntam as cabeças, e os narizes sobem e descem, exatamente como Selina e as meninas do Vicariato!...

— Bem, se eles conversam — disse Edward sem querer — aposto que não falam tolices como estas meninas! — O que era malévolo, como também injusto, pois não havia ainda transpirado — não até este dia — de *quê* falavam Selina e suas amigas.³

Tal perplexidade tende a perdurar por toda a vida. A mulher que, por temperamento ou por acidente de educação, identificou-se mais com os interesses dos homens, se não se ajustar aos padrões comuns do sexo, sai perdendo em seu papel essencialmente feminino de procriação. O homem que foi "cassado" dos interesses de seu próprio sexo sofre uma "cassação" mais sutil, pois grande parte do simbolismo artístico de sua sociedade se tornou inacessível e não há substituto para o qual possa voltar-se. Permanece uma pessoa confusa e desorientada, incapaz de sentir-se como os homens se sentem "naturalmente" em sua sociedade, e outrossim incapaz de colher qualquer satisfação nos papéis que foram definidos por mulheres, embora a personalidade social destas se aproxime mais do seu temperamento.

E assim, em milhares de formas, o fato de ser necessário sentir-se não apenas como membro de uma sociedade dada num dado período, mas também como membro de um sexo e não como membro do outro, condiciona o desenvolvimento da criança e produz indivíduos que se acham deslocados em sua sociedade. Muitos estudiosos da personalidade atribuem estes desajustamentos múltiplos e imponderáveis à "homossexualidade latente". Tal juízo, porém,

é gerado por nosso padrão bissexual; é um diagnóstico *post hoc* de um resultado, não diagnóstico de uma causa. É um juízo aplicado não só ao invertido mas também aos indivíduos, infinitamente mais numerosos, que se desviam da definição de comportamento adequado a seu sexo.

Se esses traços contraditórios de temperamento que diversas sociedades consideraram vinculado ao sexo não o estão, sendo meras potencialidades humanas especializadas como comportamento de um sexo, a presença do desajustamento, que não mais deve ser rotulado de homossexual latente, é inevitável em toda a sociedade que insiste nas conexões artificiais entre sexo e bravura, entre sexo e auto-estima positiva, ou entre sexo e uma preferência por relações pessoais. Além disso, a falta de correspondência entre a verdadeira constituição temperamental dos membros de cada sexo e o papel que a cultura lhes atribui tem suas repercussões na vida dos indivíduos que nasceram com o temperamento esperado e adequado. Considera-se frequentemente que numa sociedade que qualifica os homens como agressivos e dominadores, as mulheres como compreensivas e submissas, os indivíduos desajustados serão as mulheres dominantes e agressivas e os homens compreensivos e submissos. A posição desses é, sem dúvida, mais difícil. Os contatos humanos de toda sorte, e sobretudo a corte e o casamento, podem trazer-lhes problemas insolúveis. Mas consideremos também a posição do menino naturalmente dotado de temperamento agressivo e dominador e educado na crença de que é de seu papel masculino dominar mulheres submissas. É treinado a reagir ao comportamento receptivo e submisso em outrem com uma demonstração de agressividade autoconsciente. E então encontra não só mulheres, mas também homens submissos. O estímulo a um comportamento dominador, a uma insistência na indiscutível lealdade e afirmações reiteradas de sua importância, é-lhe apresentado em grupos de um só sexo e cria-se uma situação de "homossexualidade latente". Da mesma forma, ensinou-se a este homem que sua habilidade de dominar é a medida de sua masculinidade, de modo que a obediência de seus companheiros continuamente o tranqüiliza. Quando depara uma mulher tão naturalmente dominadora quanto ele próprio, ou mesmo uma mulher que, apesar de temperamentalmente não-dominadora, é capaz de ultrapassá-lo em alguma perícia ou tipo de trabalho especial, uma dúvida sobre sua própria masculinidade instala-se-lhe na mente. Esta é uma das razões por que os homens que melhor se acomodam ao temperamento aceito para os homens em sua sociedade são mais desconfiados e hostis com as mulheres desajustadas que, apesar de treinamento contrário, mostram os mesmos traços

(3) De *The Golden Age*, de Kenneth Grahame. Copyright 1895, 1922, by Dodd, Mead and Company, Inc.

temperamentais. Sua segurança na convicção de pertencer ao seu próprio grupo de sexo se apóia na não-ocorrência de personalidade semelhante no sexo oposto.

E a mulher submissa e compreensível pode ver-se numa posição igualmente anômala, ainda que sua cultura haja definido seu temperamento como próprio das mulheres. Adestrada desde a infância a submeter-se à autoridade de uma voz dominadora, a curvar todas as suas energias a fim de agradar o egoísmo mais vulnerável das pessoas dominantes, pode muitas vezes deparar a mesma entonação autoritária e uma voz feminina e assim ela, que por temperamento é a mulher ideal em sua sociedade, encontrará outras mulheres tão absorventes que os ajustes matrimoniais nunca entram no quadro. Este envolvimento em devoção a membros do seu próprio sexo poderá, por seu turno, instalar nela dúvidas e questões com respeito à sua feminilidade essencial.

Assim, a existência numa dada sociedade de uma dicotomia de personalidade determinada pelo sexo, limitada pelo sexo, pune em maior ou menor grau todo indivíduo que nasce em seu âmbito. Aqueles indivíduos cujos temperamentos são indubitavelmente anômalos não conseguem ajustar-se aos padrões aceitos, e pela sua própria presença, pela anormalidade de suas respostas, confundem aqueles cujos temperamentos são os esperados para o seu sexo. Dessa forma, é plantado, em praticamente todo espírito, um germe de dúvida, de ansiedade, que interfere com o curso normal da vida.

Mas a estória das confusões não termina aqui. Os Tchambuli e, em menor grau, habitantes de algumas regiões da América moderna patenteiam uma dificuldade a mais do que uma cultura que define personalidade em termos de sexo pode inventar para seus membros. Cumpre recordar que, embora a teoria Tchambuli seja patrilinear, a prática Tchambuli concede a posição dominante às mulheres, de modo que a posição do homem de temperamento anômalo — isto é, dominante — é duplamente dificultada pelas formas culturais. A formulação cultural de que o homem pagou pela esposa e pode, portanto, controlá-la continuamente, induz em erro estes indivíduos aberrantes, levando-os a novas tentativas de assumir tal controle, e os põem em conflito com toda sua educação de infância no sentido de obedecer e respeitar às mulheres, e com a educação de obedecer e respeitar às mulheres, e com a educação de suas esposas no sentido de esperar tal respeito. As instituições Tchambuli e as ênfases de sua sociedade estão, em certa medida, em pendência umas com as outras. A história nativa atribui grande desenvolvimento de temperamentos dominantes a várias tribos vizinhas, cujas mulheres, durante

muitas gerações, fugiram e casaram-se com Tchambuli. Na explicação de suas próprias contradições, ela invoca uma situação que era bastante freqüente entre os Arapesh para confundir os ajustamentos de homens e mulheres lá. Estas inconsistências na cultura Tchambuli foram provavelmente incrementadas por um interesse decrescente pela guerra e caça de cabeças e um interesse crescente pelas delicadas artes da paz. A importância das atividades econômicas das mulheres talvez também tenha crescido sem qualquer intensificação correspondente no papel econômico dos homens. Quaisquer que sejam as causas históricas, e elas são, sem dúvida, múltiplas e complexas, os Tchambuli apresentam hoje uma confusão impressionante entre instituições e ênfases culturais. Encerram também um maior número de homens neuróticos do que encontrei em qualquer outra cultura primitiva. Ter alguém a aberração, a incapacidade temperamental de conformar-se ao papel a ele prescrito de receptivo e bailante servil de mulheres, aparentemente confirmado pelas instituições, isso é demais, mesmo para membros de uma sociedade primitiva a viver em condições bem mais simples que as nossas.

As culturas modernas que sofrem os espasmos do ajustamento à cambiante posição econômica da mulher apresentam dificuldades comparáveis. Os homens acham que um dos esteios de seu domínio, esteio que muitas vezes chegam a considerar sinônimo do próprio domínio — a capacidade de ser o único amparo da família — foi-lhe retirado. As mulheres educadas na crença de que a posse de uma receita ganha dava o direito de governar, uma doutrina que funcionou suficientemente bem enquanto as mulheres tinham receita, encontram-se cada vez mais confusas entre sua verdadeira posição no lar e aquela para a qual foram treinadas. Os homens que foram educados na crença de que o seu sexo está sempre ligeiramente em foco e que acreditam ser seu poder de ganhar a subsistência uma prova de virilidade, mergulham numa dupla incerteza pelo desemprego; e isso se complica ainda mais pelo fato de suas esposas terem sido capazes de obter colocações.

Todas estas condições ficam agravadas, ademais, na América, devido ao grande número de diferentes padrões de comportamento decretado para cada sexo, que predominam em diferentes grupos regionais e nacionais, e pela suprema importância do padrão de comportamento entre os sexos que as crianças encontram dentro das quatro paredes de seus lares. Cada parcela da nossa cultura complexa e estratificada possui seu próprio conjunto de regras pelas quais é mantido o poder e o equilíbrio complementar entre os sexos. Estas regras, porém, variam, e algumas vezes são até mesmo contraditórias, como entre diferentes grupos

nacionais ou classes econômicas. Portanto, não havendo uma tradição a insistir em que os indivíduos se casem dentro do grupo onde foram criados, casam-se continuamente entre si homens e mulheres cujos quadros de inter-relações entre os sexos diferem completamente. Suas confusões, por sua vez, são transmitidas aos filhos. O resultado é uma sociedade onde dificilmente alguém duvida da existência de um comportamento "natural" diferente para os sexos, porém ninguém está certo de qual seja esse comportamento. Dentro das definições conflitantes sobre o comportamento adequado a cada sexo, quase todo tipo de indivíduo tem campo para duvidar da completude da sua posse de uma natureza realmente masculina ou realmente feminina. Conservamos a ênfase, o senso da importância do ajustamento e, ao mesmo tempo, perdemos a capacidade de impor o ajustamento.

CONCLUSÃO

O conhecimento de que as personalidades dos dois sexos são socialmente produzidas é compatível com todo programa que aspire a uma ordem social planejada. É uma espada de dois gumes que pode ser usada para derubar uma sociedade mais variada, mais flexível que a raça humana jamais produziu, ou apenas para abrir um atalho estreito pelo qual um ou os dois sexos serão obrigados a marchar, arregimentados, sem olhar nem à direita nem à esquerda. Possibilita um programa fascista de educação, onde as mulheres são forçadas a voltar ao modelo que a Europa moderna fatuamente acreditou haver destruído para sempre. Possibilita um programa comunista, no qual os dois sexos são tratados quase tão igualmente quanto o permitem suas diferentes funções fisiológicas. Por ser o